

WA/Han/Gen/1/1  
13/58

# CATALOGUE OF A COLLECTION OF EARLY PORTUGUESE BOOKS

1489-1600

IN THE LIBRARY OF HIS MAJESTY  
THE KING OF PORTUGAL

DESCRIBED WITH FULL COLLATIONS  
HISTORICAL, BIOGRAPHICAL & LITERARY NOTES

BY

H.M. KING MANUEL

IN III VOLUMES

## PROSPECTUS

LONDON · MAGGS BROS

1928







CATALOGUE OF A COLLECTION  
OF EARLY PORTUGUESE BOOKS  
1489-1600

[THIS WORK CONSISTS

of Three Volumes of approximately 650 pages each  
of the size and extent of the present dummy. The  
edition is limited to subscribers only and will be  
sold at £16. 16s. the set

N.B.

In addition there is an *édition de luxe* of 45 copies for  
sale printed upon Van Gelder paper numbered and  
signed by H.M. the King of Portugal at £35 the set.

[This edition is already subscribed]



CATALOGUE OF A COLLECTION  
OF EARLY PORTUGUESE BOOKS  
1489-1600

CATALOGO DA COLLECCÃO  
DE LIVROS ANTIGOS  
PORTUGUEZES

1489-1600

QUE SE ENCONTRAM NA BIBLIOTHECA  
DE SUA MAJESTADE FIDELISSIMA

COM UMA DESCRIPÇÃO COMPLETA DE CADA  
OBRA E NOTAS HISTORICAS, LITTERARIAS,  
BIBLIOGRAPHICAS & BIOGRAPHICAS

POR

S.M. EL REI D. MANUEL

LONDON · MAGGS BROS

1928

## ORDER FORM

*To* .....

Please send me ..... cop. of the limited edition of THE CATALOGUE OF A COLLECTION OF EARLY PORTUGUESE BOOKS IN THE LIBRARY OF H.M. KING MANUEL OF PORTUGAL, Price £16 16s. net. Note. After the publication of Volume I the price of the set will be raised to £21 net for new subscribers.

The Special Edition signed by H.M. King Manuel of Portugal, Price £35 net, is already fully subscribed.

*Name* .....

*Address* .....

*Date*

MAGGS BROS.

LONDON: 34 & 35 Conduit Street, W.1  
PARIS: 130 Boulevard Haussmann (8<sup>e</sup>)

## BOLETIM d'ASSIGNATURA

A \_\_\_\_\_

.....

Queira enviar-me \_\_\_\_\_ um exemplar da Edição de tiragem limitada do CATALOGO da COLLECÇÃO de LIVROS ANTIGOS PORTUGUEZES que se encontram na BIBLIOTHECA DE S. M. EL REI D. MANUEL, Preço £16 16s. Depois da publicação do primeiro volume o preço da obra (tres volumes) serã para novos subscriptores de £21.

A Edição Especial, numerada e assignada por Sua Majestade, Preço £35, ja se encontra inteiramente vendida.

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

..... 19

MAGGS BROS.

LONDON: 34 & 35 Conduit Street, W.1  
PARIS: 130 Boulevard Haussmann (8<sup>e</sup>)

CATALOGUE OF A COLLECTION  
OF EARLY PORTUGUESE BOOKS  
1489-1600

IN THE LIBRARY OF HIS MAJESTY  
THE KING OF PORTUGAL

DESCRIBED WITH FULL COLLATIONS  
HISTORICAL, BIOGRAPHICAL & LITERARY NOTES

BY

H.M. KING MANUEL

IN III VOLUMES

LONDON · MAGGS BROS  
1928



## NOTE

In this work H.M. the King of Portugal describes his magnificent collection of books, printed in Portugal, with full collations, to which he has added historical, literary, biographical, and bibliographical notes on a very liberal scale in English and Portuguese. The work will contain upwards of eight hundred facsimile reproductions of title-pages, text-pages, with woodcut illustrations and colophons, many printed in red and black, and several colour collotypes by Messrs Emery Walker Ltd.

These volumes will give for the first time a complete survey of Portuguese book decoration, wood engraving and typography in the sixteenth century, and will inevitably prove to be an indispensable bibliography for every Library, while, at the same time, owing to the richness of the illustrative material reproduced, they will necessarily find a place in every Museum of Fine Arts, and in every Print Department.

The collection described in this magnificent work comprises fine specimens of all the more interesting books printed in Portugal, and many important Portuguese books printed outside that country during the sixteenth century.

All the principal printers of Portugal of the sixteenth century are well represented in addition to some characteristic examples of fifteenth-century work. The period in which the books fall is 1489—1600 inclusive. The collection is rich in unique items which are fully described for the first time. The descriptions are ample and full of information both historical and literary; the collations are full, and indices (of printers, towns, authors, and titles) will be added.

The illustrations include certain illuminated manuscripts, and Royal autograph letters from the fifteenth century downwards, all from the owner's collection, have been included, and reproductions given; and in a preface His Majesty will explain his reasons for writing and publishing the work.

## N O T A

Com uma descripção completa de cada obra, acompanhada de notas historicas, litterarias, bibliographicas, e biographicas em Portuguez e em Inglez, redigidas por Sua Majestade El-Rei D. Manuel e profusamente illustrado com mais de oitocentas reproducções em fac-simile, das folhas de rosto, gravuras e colophons de cada livro, impressas a preto e a vermelho, sendo algumas das chapas impressas a côres por Emery Walker Ltd.

Esta obra terá um prefacio no qual Sua Majestade explicará as razões e os motivos que o levam a escrever e publicar este livro.

A collecção descripta n'esta bella Obra consiste em um grande numero dos livros mais importantes, assim como em alguns dos mais raros, impressos em Portugal no seculo XVI, encontrando-se representados n'esta publicação os principaes impressores de Portugal. Equalmente contém alguns dos mais notaveis livros Portuguezes impressos fóra de Portugal no mesmo seculo, além de alguns exemplos caracteristicos da Imprensa em Portugal no seculo XV, abrangendo este Catalogo os annos de 1489 a 1600 inclusivé.

N'esta collecção encontram-se diversos exemplares unicos e obras desconhecidas cuja descripção e reproducção será feita pela primeira vez. Serão tambem reproduzidos alguns manuscriptos com illuminuras e cartas autographas de Soberanos do seculo XV até ao fim do seculo XVI. Esta obra terá como objectivo tornar conhecidos os livros Portuguezes, a sua historia, a sua typographia, as suas gravuras no seculo XVI; e a sua belleza, o seu interesse e o seu valor serão demonstrados pelas inumeras reproducções, incertas no texto. D'esta forma virá a ser uma bibliographia indispensavel para as Bibliothecas, e poderá igualmente ter o seu lugar nos Museus de Bellas Artes.

Consistirá esta obra de tres volumes, approximadamente de 650 paginas cada um, publicando-se uma edição limitada, unicamente para subscriptores, cujo custo será de £16. 16s., cada exemplar.

Quarenta e cinco exemplares serão impressos em papel especial, assignados e numerados por El-Rei D. Manuel, sendo o preço de cada exemplar £35. Esta edição especial já se encontra inteiramente vendida.

SPECIMEN PAGES AND ILLUSTRATIONS  
FROM THE CATALOGUE

# Ho Preste Joam das indias.



Verdadera informaçam das terras do Preste  
Joam, segundo vio e escreuuo ho padre Francisco Alvarez capellâ del Rey nosso  
senhor. Agora nouamente impresso por mandado do dito senhor em casa de Luis  
Rodriguez liureiro de sua alteza.

JOÃO DE BARROS. CHRONICA DO EMPERADOR CLARI-  
MUNDO. 1555.

A Primeyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem. | Com priuilegio Real.

Titulo a negro e vermelho. Por cima, gravura que representa o imperador Clarimundo de pé, junto ao throno, sobre o qual descansa a arvore genealogica dos Reis de Portugal.<sup>1</sup>

[fl. 2] Tauoada. [...]

[fl. 4 vo.] Prologo feito depois desta obra | impressa: Ao muy alto & poderoso Rey dō Ioam terceyro | deste nome. Per Ioam de Barros seu criado. [...]

[fl. 5] Prologo sobre a tras | ladaçam da primeyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal | descendem. Dereuido ao esclarecido Principe dom | Ioam, filho do muy poderoso Rey dom Manuel | primeyro deste nome. Per Ioā de Barros seu criado. [...]

Pagina enquadr. por uma portada, com as Armas do Reino na parte superior.<sup>2</sup>

[fl. 6 vo.] [...] CONCORDANCIA QVE HO TRASLADADOR | faz antre douz Coronistas sobre a vinda de dom Anrrique nestes | Reynos Despanha, & sobre a sua genealogia. [...]

fl. 1. Começa a primeyra parte da cro | nica do emperador Clarimūdo dōde os Reys de Portugal descendem, tirada | de lingoagem vngara em a nossa portuguesa. [...] Capitulo primeyro. [...]

fl. lvj vo. Começa ho segundo libro da pri- | meyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo, no qual se contem ho | principio de seus verdadeyros amores, & muitas outras coufas que por elles | em armas fez. | Capitulo .xxxv. [...]

fl. cxxxij vo. [...] Começa ho terceyro libro da pri- | meyra parte da cronica do emperador Clarimundo, em que se contam grandes | coufas que ho fabio Fanimor profetizou dos Reys de Portugal que delle ham de | descender. E das traições que Tobem de Uipa fez, as quaes forā causa de muy- | tas amizades & lianças. | Capitu. lxxix. [...]

fl. clxxxii. [...] Laus Deo.

fl. clxxxii vo. Acabase a primeyra parte da cronica | do Emperador Clarimūdo donde os reys de Portugal decem, tirada de | lingoagem Ungara em a nossa Portuguesa per Ioam de barros, & impref | sa per Ioam da Barreyra impressor da vniuersidade de

<sup>1</sup> Title printed in red and black. Above, a large woodcut representing the Emperor Clarimundo, standing before the throne, on which rests the genealogical tree of the Kings of Portugal.

<sup>2</sup> Page surrounded by an architectural woodcut border, with the Arms of Portugal at the top.

## Don Florando.



**C**omienza la coronica del valiente y es-  
forçado príncepe dō Florādo d Inglaterra  
hijo d'l noble y efforçado príncepe Paladiano  
en q se cuentā las grādes y marauillosas auē  
turas a q dio fin por amores dla hermosa pri-  
cesa Roselinda hija del empador de Roma.

Coimbra, com pri | uilegio real que ninguem a possa emprimir nem trazer fora do reyno | tirada em outra lingoagem so pena de perder os liuros. | A qual | se emprimio nesta nobre z sempre leal cidade de Coim | bra. A cinco dias do mes de Iulho da era de Mil z quinhentos z LU. | annos.

folio — [6], clxxxii folhas a 2 coln.—42 l.—car. got.,—sem reclames.

Encadernado em marroquim vermelho, lombada ornada, pastas com dobraduras de marroquim azul ricamente ornadas, aparo dourado.

folio — [6], clxxxii leaves, double columns,—42 lines—Gothic letter,—no catchwords.

Bound in red morocco, gilt back, doublures of blue morocco richly tooled and gilt, g.e.

A *Chronica do Imperador Clarimundo* foi impressa em 1522 por Germão Galhardo. Referem-se a essa 1<sup>a</sup> edição, Brunet, Salva e Gallardo donde Anselmo e Proença, no. 567 extrahiram a notícia publicada na sua obra *Bibliographia das obras impressas em Portugal no seculo XVI*. Confusões sem numero teem sido feitas á cerca das edições da Chronica do Imperador Clarimundo: Barbosa na *Bibliotheca Lusitana* em 1747, descreve a primeira edição, mas com o nome do impressor e a data erradas, pois diz ter sido impressa em 1520 por João de Barreira. Innocencio (Diccionario, vol. 3, p. 319) duvida da informação de Barbosa, e com razão, á cerca da edição de 1520. Outros bibliophilos ignoram essa primeira edição da qual, hoje se não conhece um só exemplar. A respeito da segunda edição, as confusões teem sido identicas, começando igualmente em Barbosa, que atribue a data de 1553 a essa edição, informação que foi copiada ou seguida por Innocencio, Pinheiro Chagas e Mattos; este ultimo menciona mesmo uma edição de 1550 a que nenhum outro auctor faz referencia. Ao apresentar um admiravel exemplar da edição de 1555 impressa por João de Barreira, desfazem se todas as duvidas, se é que ellas ainda existem, visto Anselmo e Proença, na sua obra, no. 138 darem a data exacta, na sua notícia transcripta do no. 546 de Gallardo. "Impressa per Ioam da Barreyra....A cinco dias do mes de Iulho da era de Mil z quinhentos z LU annos." Suppõem e com razão os auctores,

The *Chronica do Imperador Clarimundo* was first printed in 1522 by Germão Galharde. This edition is mentioned by Brunet, Salva and by Gallardo, from whom Proença and Anselmo (No. 567) copied the description of the book given in their work *Bibliographia das obras impressas em Portugal no seculo XVI*. Innumerable mistakes have been made about the editions of this Chronicle: Barbosa describes the first edition in the *Bibliotheca Lusitana* (1747), but gives the date and the printer wrongly, saying that the book was printed in 1520 by João de Barreira. Innocencio (Diccionario, vol. 3, p. 319), with good reason, doubts the authenticity of Barbosa's information, while other bibliophiles simply ignore the first edition, of which not one copy is known to-day. The second edition has given rise to similar confusion, again originated by Barbosa, who gives its date as 1553, and is copied by Innocencio, Pinheiro Chagas and Mattos; the last mentioned goes even farther, citing a 1550 edition, which is ignored by all other authors. In view of this admirable copy of the 1555 edition, printed by João de Barreira, all doubts must vanish—if, indeed, any still exist, for Proença and Anselmo (No. 138) give the date correctly in their description, copied from Gallardo (No. 546): "Printed by Joam da Barreyra...on the fifth day of the month of July in the year one thousand, five hundred and LU." These bibliographers rightly deem this to be the same edition as the one to which

ser esta a edição a que Barbosa, Innocencio e Mattos attribuiram a data de 1553. Esse engano parece nos dever ter sido causado pela forma como está escripta a data no Colophon, sendo de mais a mais provavel que nenhum dos bibliophilos já mencionados tenha consultado um exemplar d'esta citada edição; como poderá ser examinada na reprodução facsimile do Colophon, a data é indubitavelmente, 1555, pois o “*z*” é a mesma letra “U” com que é escripta a palavra “*Ungara*.<sup>1</sup>”

“A Prymeira parte da cronica do Emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem,” é uma historia fabulosa, um romance de Cavallaria, e que, para a tornar ainda mais phantastica, João de Barros escreveu como sendo “tirada de lynguagem Ungara em a nossa Portuguezza.” No “Prologo feyto depois desta obra impressa” dirigido a D. João III, da sua Chronica, conta nos Barros, assim como no “Prologo sobre a trasladaçam...” detalhes curiosos sobre a forma como trabalhou, mostrando ao mesmo tempo a sua phantasia.

“...E elle (amor) me fez dispor os dias passados pera seruir vossa Alteza na trasladaçam desta Cronica. E sabendo isto de mym vfastes tam liberalmente comigo, dandome a isso fauor que em espaço doyo meses acabey de a trasladar. Da qual a vossa Real casa leua a mayor gloria: porque ella foy ho claro estudo em que toda minha vida empreguey. E per cima das arcas da vossa guardaroupa, publicamente como muytos sabem, sem outro repouso, sem mais recolhimento onde o juyzo quieto podesse escolher as coufas q a fantesia lhe representaua: fiz o que meu amor, & vosso fauor ordenaram. E como colhi este fruyto, mais temporan do que diuera mandeyo empremir. No qual tēpo per vōtade da sūma potencia recebestes o Real cetro dino de vos, & vos muyto mais delle. E este cuidado de gouernar, reger, prouer, todalas particularidades de vossos pouos & Reynos, me fizeram estimar

Barbosa, Innocencio and Mattos attribute the date of 1553. The misconception must have been caused by the way in which the date is written in the colophon, it being more than probable that none of the three last-mentioned bibliophiles had an opportunity of examining the edition for himself. As may be seen in the facsimile of the colophon, the date is indubitably 1555, for the “*z*” is the same letter “U” as occurs in the word “*Ungara*.<sup>1</sup>”

“The first part of the chronicle of the Emperor Clarimundo, from whom the Kings of Portugal are descended” is a fabulous history, a romance of chivalry, rendered even more fantastic by the fact that João de Barros pretended it was “translated from the Hungarian language into our own Portuguese.” In the prologue of his chronicle “written after the book was printed,” as in the “prologue on the translation,” Barros recounts curious details about the way in which he worked, sometimes speaking in good sooth, and sometimes giving full rein to his very fertile imagination.

“...And that (devotion) made me resolve, in the days gone by, to serve Your Highness by translating this Chronicle. And when I told you this, you treated me so liberally, favouring my project, that I finished the translation in the space of eight months; but your Royal house must take most of the glory of it, for your glory has ever been the chief consideration of my life. And on top of the chests of your wardrobe, as is publicly known to many, with no greater comfort, with no more retired refuge, where calm judgement might make his choice from the images evoked by fancy: I did what my devotion and your favour ordained. And as I plucked this fruit, earlier than I should have done, and sent the work to be printed, in that time, by the will of the All-powerful you received the Royal sceptre, which is worthy of you as you are even more worthy of it. And the cares of government, of ruling over, and providing for your people and your kingdom in all matters, [which

em muito o que tinha começado. Porque quando lho deregí no seguinte prologo, as menos occupações que entam tinha, lhe faziam tomar algúia pena ēmendar meus erros. Mas agora, na seguda maão que he a mais trabalhosa: conhēdo a fraquezza de meu estilo, & a grādeza de vosso Real estado, fizerāme duuidar o que faria: se perder ho gasto que tinha feyto na empressam, entregādo ho meu trabalho ao fogo, ou fair a luz coelle. E nestas duuidas sobreueo ho temor de fazer tal desacatamento às |cousas onde vossa Alteza possera os olhos....”

E' sem duvida interessante a parte do “Prologo depois d'esta obra impressa.” Devemos pensar que João de Barros tinha pouco mais de 20 annos quando escreveu a sua Chronica e que é curiosa a forma como a escreveu em oito mezes “por cima das arcas da vossa guardaroupa.” Um outro trecho, parece confirmar uma tradição: diz Barros: “Porque quando lho deregí no seguinte prologo, as menos occupações que entam tinha, lhe faziam tomar algúia pena ēmendar meus erros”: essa tradição é que D. João III collaborou com Barros: Aubrey Bell na sua *Portuguese Literature* n'uma nota pag. 233, escreve "...tradition that King João III as Infante had been joint author of *Clarimundo*.” A phrase de Barros permitte sem duvida essa tradição; a saudosa D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos no seu livro monumental *Poesias de Sá de Miranda*, pag. 781, diz: "...outros (escriptores) recordam o afan com que copiava (D. João III) o *Clarimundo* do seu amigo João de Barros.” “Emendar meus erros,” seria apenas corregir essas faltas, ou seria collaboração como auctor? Difficil, para não dizer impossivel, de decidir.

No “Prologo sobre a trasladaçam” abre as azas da phantasia escrevendo:

“...Porq antre algūs Alemães, & estrāgeyros q cõ a Raynha nossa senhora a estes reynos de Portugal vierā, foy Carlim delamor....E como as suas me cōtentauā, travalhey por alcançar delle sua cōuersaçā & amizade....E em quāto nestes reynos esteue antre muitas coufas de passatēpo q neste tī-

now took up your time], caused me to value highly what I had begun; because, when I dedicated it to you in the following prologue, you were not so much preoccupied and were able to spend some time in emending my errors. But now in the work of revision, which is always the hardest, knowing the weakness of my style and the greatness of your Royal state, I began to doubt what to do, whether to publish my work, or to lose the money I have spent on the printing and consign it to the flames; but the fear of treating with such disrespect a work upon which Your Highness had looked, overcame my hesitation.”

This part of the “prologue written after the work was printed” is certainly interesting. We must remember, too, that João de Barros was little more than twenty years of age when he composed this chronicle, which was written “on top of the chests in your wardrobe,” and took him only eight months to finish. Our author when he writes: “Because, when I dedicated it to you in the following prologue, you were not so much preoccupied and were able to spend some time in emending my errors,” would seem to confirm the tradition, mentioned by Aubrey F. G. Bell in his *Portuguese Literature*, “that King John III as Infante had been joint author of *Clarimundo*.” D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos in her monumental work *Poesias de Sá de Miranda*, p. 281, says: "...other writers record the enthusiasm with which he (King John III) copied the *Clarimundo* of his friend João de Barros.” But does “emending my errors” imply collaboration, or merely the correction of a few mistakes? It is difficult, not to say impossible, to decide.

In the “prologue on the translation,” Barros gives free play to his imagination and writes:

“Because Carlim delamor was among the Germans and foreigners who came to these dominions of Portugal with our lady the Queen.... And as he pleased me, I did my best to make him converse with me and give me his friendship....And while he was in this kingdom one of

**C**elio ou amicicia de marco tulio ciceron enderencia a pônpo, nio attico. Interlocutores. f. celio sannio. Scenolia. Começa em modo de argumento...:

**S**into mucio Scenola d'ha yo lelio seu sogro muptas coulas soyamuito acordada e sermosanctecotar. e en tus do o q' delle contaua nam du uidaua chamar lhe sapiente. e en passados. triuij. anos des que somex a to gusa viril. assi fuy a elle per meu padre etregue que nûca do seu lado: quando licitamente o podia fazer me parta: assi que muptas coulas delle cõ prudencia dispus tadas. e outras breue e prouectosamente vitas a memoria encom edey: porque trabalhava cõ sua prudencia me fazer mays prudente. e morto este Quinto mucio paixem e ao outro Scenola pons trifice: ao qual ousarey chamar hû dos milhores de nossa Litorade per seu engenho e justica. mas de aqueste em outra parte direy. Aguora torna a fallar do outro Scenola de que acima disse. este como muptas vezes muptas coulas cõtavaa alébra me a mi que estando eu ahi e algûs poucos familiares outros: veo ter em hñia praticia que em tão pella maior parte ádavaa em a boca de todos [ e segûdo creo ] a tri Pôponio articulo alembara muy bê: por que viuas muito da amizade de Puhlio fulpicio. que sedo elle tribuno do povo de grande dissensão e capital odio a quanto pô



**C**Marco tulio ciceron de amicicia paradoras e sonho de Scipião. tirado em lingoa ge portuguesa p D. Luiz de Resende caualezeno fidalguo da cassa del rey nosso senhor.

hamos, era cōtar elle as grādezas dos emperadores Dalemanha & Cōstantinopla, cō tanta ordē & cōcerto, q̄ parecia ter o proprio original delas na memoria. E as q̄ a li lustrauā em mais admiraçā & grādeza erā do emperador Clarimundo, q̄ segūdo fam marauilhosas fazē presumir serē mais fauor descriptores, q̄ verdadeyra relaçā da verdade. Porē pois das antigas cousas nā temos outra certeza, he necessario darmos lhe tāta fe, quanta nos elles testificā. Quāto mais q̄ a esperiencia das nossas presentes autorizā todolas suas passadas. E quē nesta verdade duuidar ponha os olhos na grādeza das obras del Rey vosso padre, & desfará a roda do pouco credito q̄ a todolas outras der. E já no tēpo deste nā menos Christianissimo q̄ efforçado Principe, mostraua hūa figura do q̄ os de sua linhagē no seu faziā: porq̄ a elle escolheo Deos pera origē dos Reys de Portugal dōde vossa Alteza auia de descēder. E porq̄ somēte os Vngaros & Gregos de suas memoraueis façanhas tinhā lēbrāça, (polas em sua lingoagē terē escriptas), quis trespassar esta primeyra parte da sua Cronica em a nossa Portuguezza.”

our many pastimes was for him to recount the glories of the Emperors of Germany and Constantinople, which he did with such order and harmony, that it seemed as though he had actually been present at the events he described. And the actions which shone the brightest in wonder and greatness, were those of the Emperor Clarimundo, which were so marvellous as to make one think they must be the flattering inventions of prejudiced writers, rather than a veritable relation of the truth. However, as we can obtain no certain proof of the incidents described in ancient history, we must even believe what is told us, especially as our present experiences are such as to warrant belief in all that is recounted of the past. And if whoever doubts the truth of this history, will but look upon the great deeds of the King your father, his incredulity will immediately disappear. And already in the day of this not less Christian than valiant King, there was a foreshadowing of what those of his line would in their time accomplish; because God chose him to be the founder of the line whence the Kings of Portugal, including Your Highness, were to descend. And because only the Hungarians and the Greeks had any remembrance of his notable exploits (because the story of them was written in their language), I wanted to translate this first part of his Chronicle into our own Portuguese tongue.”

N'este “Prologo sobre a trasladaçam” ficticia, da fabulosa chronica, uma phrase chama a attenção: “...ponha os olhos na grādeza das obras del Rey vosso padre, & desfará a roda do pouco credito q̄ a todolas outras der.” Esta phrase já não é a phantasia: é a preparação: preparação para narrar, não as glorias de um Clarimundo, mas as de Portugal no Oriente. Esse é hoje o grande interesse da *Cronica do Emperador Clarimundo*, que serviu de “debuxo” ao tão celebre escriptor. Como disse D. Carolina Michaëlis, pag. xxvii da obra já citada: “João de Barros, que em 1521, quando Miranda partiu para a Italia aparára a penna escrevendo o Clarimundo....” Mas é o proprio João de Barros, no prologo da *Asia*

In this fictional “prologue on the translation” of the fabulous chronicle, there is one phrase which particularly attracts the attention: “let him look upon the great deeds of the King, your father, and his incredulity will immediately vanish”; for in these words Barros allows us to glimpse the real reason why he wrote *Clarimundo*—to prepare himself for the more serious task of narrating the glorious deeds of the Portuguese in the East. The fact that it served as a “preliminary sketch” for the *Decadas*, constitutes the chief interest of this Chronicle to-day; as D. Carolina Michaëlis writes, on page xxvii of the work already cited: “João de Barros...in 1521, when Sá de Miranda set out for Italy, was writing *Clarimundo* to trim his pen.” But João de Barros himself, in the

1552, de que já tratámos, que nos explica as razões que o levaram a escrever o *Clarimundo*:

“No cometer do qual trabalho (*As decadas da Asia*) vendo eu a magestade e grandeza da óbra, nam fuy tam atreuido que lógo como isto desejey pusesse mãos a ella: ante tomei por cautélla deste cometimento, vfar do modo que tem os archeitectores. Os quáes primeiro que ponham mão na óbra a traçam e debuxam, e de sy apresentam estes deliniamentos de sua imaginaçam, ao senhor de cujo há de ser o edificio. Porq̄ como esta matéria de que eu queria tractar era dos triūphos deste reyno, dos quáes nam se podia falar sem licença do autor delles que naquelle tempo deste meu propósito era el rey vóssio pádre de gloriósa memória: estando sua alteza em Euora o anno de quinhentos e vinte, lhe apresentey hūu debuxo feito em nome de vóssia alteza, porque com este titulo antelle fósse accepto. O qual debuxo nā era algūa Batrachomiemáchia, guerra de rãas e rátos, como fez Homero por exercitar seu engenho ante q̄ escreuēsse a guerra dos Gregos e Troyanos: mas foy hūa pintura metaphórica de exercitos e vitórias humanas, nesta figura racional do emperador Clarimundo titulo da tráça (conforme á jidade que eu entam tinha) afim de aparar o estitulo de minha possibilidáde pera esta vóssia Asia.” A crónica do Clarimundo foi pois o “aparar do estitulo.”

Manuel Severim de Faria na sua *Vida de João de Barros* conta nos mais em detalhe estes episódios e a forma como escreveu Barros o seu *Clarimundo*; “O Príncipe D. João (a quem elle communicou seu intento) o favoreceo tanto, que elle mesmo lhe hia revendo, e emendando os quadernos que compunha; este favor lhe fez publicar logo o livro....” E’ possivel que a ida de Barros a Evora em 1520 mostrar a sua obra a El Rei D. Manuel tenha sido a origem da supposta edição de 1520: que houve outra antes d'esta de 1555, não pode haver duvidas, alem de outros argumentos, para quem conheça a Dedicatoria, da *Ropicapnefma* de João de Barros, impressa por Germão Galharde em 1532, dirigida a Duarte de Resende (de quem já nos

preface to his *Asia*, 1552, explains the reasons which led him to write his *Clarimundo*:

“When I undertook the task (of writing the *Decadas da Asia*), I realized the majesty and grandeur of the subject, and was not so rash as to wish to start work on it at once; but, with the caution befitting in such an enterprise, I followed the example of the architects, who, before they set to work on a building, first design and sketch it, and present these rough indications of their ideas to the prospective owner of the edifice. Now the theme which I wished to develope was the triumphant progress of this kingdom, of which one might not speak without permission from the author of the triumphs, who, at the time when I purposed this, was the King, your father; so, His Highness being at Evora in the year 1520, I presented him with a sketch, made in the name of Your Highness, that under such sponsorship it might be acceptable to him. This sketch was no ‘Batrachomyomachy,’ no war of frogs and mice, such as Homer composed to exercise his talent before writing of the war of the Greeks and Trojans; but was a metaphorical painting of human armies and victories, dominated by the rational figure of the emperor Clarimundo, after whom I called the outline which (in accordance with my age at that time) I wrote to polish my style and prove my power to write the history of your Asia.”

Manuel Severim de Faria, in his *Life of João de Barros*, gives a more detailed account of the writing of *Clarimundo*: “Prince John (to whom he communicated his project) held him in such favour that he would himself review and emend Barros’ manuscript; and this favour caused him [Barros] to publish the book....” Possibly it was Barros’ going to Evora in 1520 to show his work to King Manuel, that led to the assumption that there was a 1520 edition of it. But the dedicatory epistle of the *Ropicapnefma* (printed by Galharde in 1532) leaves no doubt that there was an edition before this one of 1555; for Barros, addressing Duarte de Resende, writes: “do say

occupamos), pois Barros escreve: “dado que digaes quam bem vos pareceo o meu Clarimundo quando foi ter comvosco em Maluco.”

O facto é que este romance de cavallaria teve um grande sucesso e causou funda impressão, havendo seis edições d'esta obra: 1522, da qual não se conhece hoje um exemplar; 1555, igualmente rarissima e da qual tambem, com segurança, se não conhece nenhum exemplar, alem do que apresentamos: 1601, da qual possuimos um exemplar, e 1742, 1791 e 1843. Era esta Chronica lida em Portugal e no Oriente, nas Molucas, para onde Barros a mandava ao seu amigo Duarte de Resende: contudo nos seus *Dialogos* (1589) o Bispo de Portalegre Dom Frei Amador Arraiz, no Dialogo IV “Das condições do bom Príncipe” não recommends ao “bom Príncipe” a leitura d'este romance de Cavallaria pois escreve:

“El Rey Dom João o terceiro de Portugal sabia tam bem as leis de seus reinos, e senhorios que muitas vezes emendaua os despachos dos seus Desembargadores, dizendo ás partes q̄ os taes despachos lhes não podião aproueitar, por não serē conformes a suas ordenações. Outras vezes respondia aos q̄ lhe pedião, o que não era justo; que lhes não podia fazer a tal mercê, porque seria peruerter a ordem do direito....Este he o ocio, que conuem aos Príncipes, e não ler por Clarimundo....”

Sem duvida, mas o digno Bispo, não se recordava que D. João III corregia, pelo menos, os cadernos nos quaes Barros escrevia o seu *Clarimundo!*—

O interesse historico d'esta obra que acabamos de apresentar fica, julgamos, claramente exposto pelo que, a seu respeito, deixamos escripto: quanto ao seu valor bibliographico, é elle incalculavel, visto se não conhecer um outro exemplar, encontrando se este, absolutamente perfeito e n'um admiravel estado de conservação.

how well you liked my *Clarimundo* when I forwarded it to you in the Moluccas.”

The fact is, that this romance of chivalry enjoyed so great a success that it ran into six editions: 1522, of which no copy is known to-day; 1555, of which the present copy may be the only one known; 1601, of which we also possess a copy; and 1742, 1791 and 1843. It was read in Portugal and in the Orient, whither Barros sent a copy to his friend, Duarte de Resende; and yet we find that the Bishop of Portalegre, Dom Frei Amador Arraiz, in his *Dialogos* (1589), discussing “what is befitting to a good Prince” in the fourth dialogue, does not encourage the “good Prince” to read this romance. He writes:

“King John III of Portugal knew the laws of his country so well that he often corrected the verdicts of his chief judges, saying that certain parts of these could not avail them, as they were not in accordance with his statutes. At other times he would reply to those who made unlawful requests, that he could not allow them such and such a mercy, for it would be perverting the law....This [i.e. the study of the law], and not the reading of *Clarimundo*, is a fitting recreation for Princes....”

No doubt—but the worthy Bishop forgot that King John III at least corrected the manuscript of *Clarimundo*, even if he did not collaborate in its composition!

It seems to us that, in the course of our notes, we have clearly shown the historical interest of this work. From a bibliographical point of view its value is incalculable, for no other copy of this edition is known, and the present one is absolutely perfect and in a wonderful state of preservation.



DUARTE DE RESENDE. MARCO TULIO CICEROM DE AMICIA, ETC. 1531.

Marco tulio cicerom de Amicicia | paradoxas z sonho de Scipião. tira | do em lingoa  
agẽ porttuguesa (sic) p Duar | te de Resende caualeyro fidalguo da | cassa del rey nosso  
senhor.

*Por cima, o brasão dos Resendes.<sup>1</sup>*

[fl. 1 vo.] Carta sua a Garcia de Resende fidalgo da casa del rey nosso senhor |  
z escriuão de sua fa | zenda tc. A quẽ manda esta obra enderẽçada. [...]

[fl. 2 vo.] Começa a vida de Marco tulio. [...]

[fl. 5] Lelio ou amicicia de marco tu- | lio cicerõ enderençado a Ponpo- | nio  
attico. Interlocutores. s. Lelio | fannio. Sceuolla. Começa em mo | do de argu-  
mento. [...]

[fl. 26 vo.] [...] Laus Deo.

[fl. 27] Aqui começa o sonho de Sci | pião per Marco tulio cicerõ | do sexto libro  
da Repu- | blica. Comeca (sic) a fal | lar o menor | Scipião. [...]

[fl. 31 vo.] [...] Deo gratias.

[fl. 32] Paradoxas. | Palaura gregua que em nossa linguajem quer | dizer sentenças  
marauihosas: de Marco tulio ci | cerõ q̄ manda z escreue a marco bruto clarissimo |  
baram Romano : [...] Proemio z argumento. [...]

[fl. 42] [...] Acabouse de empremir a presente obra de | Amicicia z sonho de  
Scipião z Paradoxas | em a muy noble z semp̄ leal cidade de Coimbra p Germã  
Galharde. Tirada em lingoa | jẽ p Duarte de resende caualeyro fidalgo da | casa drey  
noso sōr aos .xxx. dias d Agosto | do anno de nosso sōr Iesu xpo de .m. d. xxxj.

4º. — [42] folhas — 35 linhas — car. gót. de  
dois tamanhos, sendo menores os das notas  
marginais — sem titulos correntes, nem reclames.

Encadernado, por Rousselle, em marroquim  
azul; pastas e lombada ornadas de doira-  
duras; aparo dourado.

4to. — [42] leaves—35 lines—Gothic letter,  
marginal notes printed in smaller type than the  
rest of the text—no headlines, nor catchwords.

Bound by Rousselle, in blue morocco; gilt  
back and sides; g.e.

<sup>1</sup> Above is the coat of arms of the Resendes.

Esta obra de Duarte de Resende é excessivamente rara: existe na bibliotheca Palha um exemplar descripto, no. 371 do seu catalogo, com a seguinte nota: "tâches, raccommodages." Não se conhece um só exemplar, segundo Anselmo e Proença, no. 595, nas Bibliothecas Publicas de Portugal: o Museu Britanico tambem não possue na sua riquissima collecção Portugueza, o livro de Duarte de Resende. O exemplar que apresentamos, absolutamente perfeito e n'um admiravel estado de conservação é aquelle mencionado por Innocencio (Diccionario, vol. 2, p. 214) e que pertenceu á livraria de Joaquim Pereira da Costa. E' uma preciosidade bibliographica e tem um interesse historico por causa do seu auctor.

Anselmo Braamcamp Freire (*Critica e Historia, Estudos*) occupou-se detalhadamente de Duarte de Resende n'um capitulo intitulado "Dois Duartes de Resende." Nesse estudo vemos mais um caso de homonimia, frequentes entre nós: trataremos de outro identico, á cerca de Pedro Nunes.—Tem se feito uma confusão entre Duarte de Resende, natural de Evora, parente do illustre Garcia de Resende, e que actualmente não nos interessa, e Duarte de Resende, natural da Beira, que foi feitor nas Molucas, amigo e parente do grande Chronista João de Barros, o nosso auctor. D'esse nos ocuparemos unicamente. Anselmo Braamcamp mostra nos a genealogia de Duarte de Resende, pela qual vêmos ser filho de Gonçalo de Resende cavalleiro da casa d'el Rei e de Brites Faresoa, que hoje diríamos Frazão. Por um documento datado de 1 de Junho de 1515, sabemos que Duarte de Resende já era maior n'essa data, pois teve procuração de sua mãe para receber umas tenças abrogadas. Nasceu pois sem duvida, antes de 1491, e segundo B. Freire, quasi com certeza em Lamego. Partiu para o Oriente provavelmente na armada da qual era Capitão Mór Jorge de Brito em 1520. Sabe se que tendo falecido Jorge de Brito, foi substituido por seu irmão Antonio de Brito, com quem Duarte de

This translation of *De Amicicia* by Duarte de Resende is an extremely rare work. The only other copy known is the one mentioned in the Palha Catalogue, No. 371, with the note "tâches, raccomôdages"; for there is none in the British Museum, or, according to Proença and Anselmo, in any of the Portuguese public libraries. The present copy, which is absolutely perfect and in a wonderful state of preservation, is the one mentioned by Innocencio (Diccionario, vol. 2, p. 214), and which belonged to Joaquim Pereira da Costa.

Now besides being such a bibliographical treasure, the book derives a special historical interest from its author. Anselmo Braamcamp Freire (*Critica e Historia—Estudos*) makes a detailed study of Duarte de Resende in a chapter headed "Dois (Two) Duartes de Resende." Here we see yet another instance of the homonymy which is so common in Portugal (we shall treat of a similar case when discussing Pedro Nunes). There were two contemporary Duarte de Resendes, and for a long time historians credited an obscure cousin of Garcia de Resende, living in Evora, with all the achievements of his more illustrious namesake, who was friend and kinsman to the great chronicler João de Barros. This latter Duarte de Resende is the one in whom we are interested. A. B. Freire proves that this Duarte was the son of Gonçalo de Resende and Brites Faresoa, or, as we should spell it nowadays, Frazão. From a document dated June 1st, 1515, in which his mother gave him a power of procuration to receive certain annuities, we learn that our author was already of age by this date. He must therefore have been born before 1491, and, according to A. B. Freire, almost certainly in Lamego. He probably left for the Orient in the armada which set out in 1520, under the command of Jorge de Brito. We know that, on his death, Jorge was succeeded in command by his brother Antonio de Brito, with whom Resende went to Ternate where he was appointed to an important position

Resende chegou a Ternate para desempenhar o seu cargo de escrivão da fazenda da feitoria das Molucas. Pouco tempo depois dasse o episodio interessante da chegada de Gonçalo Gomes de Espinosa na nau Trindade, que destroçada pedia soccorro: era a ultima n'essas paragens, da armada de Fernão de Magalhães. Antonio de Brito imediatamente enviou o auxilio aos Castelhanos. Esse auxilio ia custando caro aos pobres arribados e a vida deveram a Duarte de Resende: diz Barros, na Dec. III, Liv. v, cap. x (ed. 1563):

“...o capitam Gonçallo Gomez mandáua pedir misericordia polo estado em que ficáua: foy (Antonio de Brito) mandar húa carauëlla com muitos mantimentos & anchoras pera a nao. E tras ella mādou lógo Cachil Daroez gouernador de Ternate com algúas coracóras, que sam grandes nauios de remo: & ttas (sic) elle foy dom Garcia Anriquez em nauios pera trazerem a nao áquelle porto, & se nā perder de todo, como o mesmo Gonçallo de Espinosa lhe mandaua requerer. E porque Cachil Daroez per rezam dos seus nauios ferem de remo, chegou primeiro á nao que a carauëlla de dom Garcia, como hómē que se queria mostrar leal a nôssas couças, & estar muy escandalizado del Rey Almançor receber em seu regno os Castelhanos: entrando em a nao quisera cõ sua gente de guerra que leuáua fazer logo sangue. E verdadeiramente se nam fora o feitor Duarte de Resende, ao qual Antonio de Brito com certos Portugueses mādou jr com elle: sem duuida Cachil Daroez ouuera de laurar do férro. Finalmente, entráda a nao, quando Duarte de Resende viu a gente ouue grande piadade, porque os mais delles andáuam derreados que se nam podiam mouer se nam com ajuda, quasy paralíticos: & eram já mórtos trinta & s̄ete hómēs....”

O nosso Duarte de Resende mostrou n'esta conjectura, coragem e caridade.

Falecendo de doença o feitor das Molucas ficou no seu officio Duarte de Resende, onde permaneceu alguns annos. Em Ternate deve ter

in the factory of the Moluccas. Soon after their arrival news was received that the ship *Trindade*, commanded by Gonçalo Gomes de Espinosa, was near by and in need of help, as she was badly damaged and short of men: it was the last vessel from Magalhães' armada to arrive in those latitudes. Antonio de Brito immediately despatched some men in boats to the relief of the Spaniards; but at first this relief seemed likely to cost the sufferers dearly, and they owed their lives to Duarte de Resende. Barros describes the incident in the third *Decada*, Book v, chap. x (1563 ed.):

“Captain Gonçallo Gomez sent to ask for help in his miserable plight. So Antonio de Brito sent a caravel with many provisions, and some anchors for the ship, and after it he despatched the governor of Ternate Cachil Daroez with some ‘coracóras,’ which are large rowing boats; and after Daroez, went Dom Garcia Henriquez with ships to draw the damaged vessel into port, as Gonçallo de Espinosa had himself demanded, so that all should not be lost. Now Cachil Daroez in his rowing boats reached the ship before Dom Garcia's caravel; and, as a man who wished to show himself loyal to our cause, and being thoroughly scandalized that King Almançor should have welcomed the Spaniards to his kingdom, Daroez boarded the ship with the warriors he had brought with him, and made ready to fight. And verily, if it had not been for the Factor Duarte de Resende, who, with a few Portuguese, had been commanded by Antonio de Brito to accompany the natives, Cachil Daroez would certainly have shed blood. When Duarte de Resende finally got on board the ship and saw the crew, he was filled with pity for them, for most of them were so lame that they could not move without help, being almost paralysed: and thirty-seven men had already died....”

Our Duarte de Resende showed both his courage and his compassion in this episode.

When the Factor of the Moluccas died, Resende succeeded to his office, and carried on his duties for some years. While in Ternate he must have

recebido (como veremos ao tratar d'esse livro) o Clarimundo do seu amigo João de Barros: igualmente em Ternate, deve ter escripto parte pelo menos da sua traducção *De Amicicia*. Em 1527 entregou a feitoria das Molucas a Balthasar Rapozo, que como feitor acompanhára o Capitão D. Jorge de Menezes: sabemos que só regressou a Portugal em 1530 ou 1531. N'esse anno o encontramos em Coimbra seguindo a impressão do seu livro entregue a Germão Galharde. Pouco depois, em 1532, era igualmente impressa em Lisboa por Galhardo a *Ropicapnefma* de João de Barros, dedicada ao seu amigo e parente, "de sangue," Duarte de Resende como diz Barros na sua IV decada. Da vida do nosso auctor nada mais sabemos após o seu regresso a Portugal, ignorando-se a data da sua morte, que teve logar antes de 1563 anno em que foi publicada a terceira *Decada* de João de Barros, na qual se refere a Resende por forma que mostra já ter falecido o seu amigo, pois diz "...elle em sua vida daria...."

Na "carta" dirigida a Garcia de Resende que pelo tom, não indica parentesco nem intimidade com o Chronicler de D. João II, explica os motivos porque emprehendeu a traducção de Cicero:

"Porque aos mays dos homeēs acōtece nā ter conhecimēto das couſas se nam desploys q̄ com grande dāno ou proueyto ſeu: ſentē em fy o mal ou bem q̄ dellas lhe vem: o q̄ na verdade nam deuia affy fer: porq̄ ninguem deuia vſar da couſa ſem primeyro de ſua força ⁊ natureza ter conhecimento: ⁊ porq̄ geralmente da amizade todos vſão ⁊ muitos com grande dāno ſeu: ſendo couſa em q̄ ſe requere prudente conhecimento ſobre virtuosa tençāo. Por tāto eu por me parecer proueytoſo a noſſa naçāo purtugueſſa (ſic): onde vejo em muitos esta amizade andar errada ⁊ simulada."

received (as we shall see when treating of this book) a copy of *The Chronicle of Clarimundo* from his friend João de Barros, and must have written most of his translation of *De Amicicia*. In 1527 he handed over the Factorship of the Moluccas to Balthazar Rapozo, who as factor had accompanied Captain Jorge de Meneses; but we know that Resende did not return to Portugal until 1530 or 1531. In this latter year we find him at Coimbra superintending the printing of his book by Germão Galharde. Shortly afterwards, in 1532, the same printer published in Lisbon a book called *Ropicapnefma* by João de Barros, dedicated to his kinsman Duarte de Resende. We know nothing more about our author's life after his return to Portugal,—even the date of his death is not definitely established, though it must have been before 1563, the year when João de Barros published his third *Decada*, in which he speaks of his friend as already dead: "he, when he was alive, may have given the treatise to someone."

The general tone of Duarte de Resende's dedicatory letter indicates neither relationship nor even great friendship with the chronicler Garcia de Resende to whom it is addressed; but it explains why Duarte undertook this translation of Cicero:

"Because it happens to most men that they have no knowledge of things until, with either great personal harm or profit, they have experienced for themselves the evil or the good which is derived from them. Now this really should not be so, for no one ought to make use of a thing without first having some understanding of its force and its nature. Friendship, for instance, is generally used by all, and by many with great personal harm, for it is a thing in which virtuous intentions must be accompanied by prudent knowledge. And because I thought it might profit our Portuguese nation, where I see this mistaken or hypocritical friendship among many, I wanted to fill up my hours of idleness by translating this little treatise on friendship, from the Latin."

Este ultimo paragrapho é notavel: representa uma idea, em geral, ou terá uma significação especial a respeito dos tempos passados no oriente? Referencia a Fernão de Magalhães e a Faleiro: A invejas, rivalidades, ambições? E' possivel: em todo o caso, tem um valôr especial, as palavras escriptas em 1531, "a nossa nação portuguesa onde vejo em muitos esta amizade andar errada e simulada."—Proseguindo na sua dedicatoria escreve Duarte de Resende: "Quiz empregar minha ociosidade em tirar de latim em nosso lingoajē este pequeno tratado.... A primeyra (cousa) he tirar-me de ociosidade...." Esta ociosidade sobre a qual insiste, refere-se seguramente às longas horas vagas passadas em Ternate: a nosso vêr esta, com a que atraz indicamos, foram provavelmente as razões que levaram Duarte de Resende a traduzir em linguagem o tratado *de Amicicia*; diz nos ainda na carta dedicatoria:

"...quis foomente q̄ viefsem por mĩ a luz estes de amicicia: paradoxas: z sonho de Cipião (sic) por saber que atee aguora nã forā em lingoagē algūa trafladados: o q̄ nam fiz em os d̄ officis z senectute. porq̄ estando pera os mādar cō estes impremir: os vi impresos tirados em lingoagem castelhana: z posto que minha trafladação pa os nossos podera ser proueytosa, cō tudo me temi de parecer supflua. z [o q̄ pior fora] tomada da outra."

E' pois o proprio Resende que nos diz ter sido esta a primeira traducçao do trabado *de Amicicia*, o que hoje augmenta o valôr da preciosidade bibliographica que apresentamos.—Existem poesias, mais antigas, de Duarte de Resende, que se encontram do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, a maior parte em Castelhano.—Depois da sua traducçao do tratado *de Amicicia* ter sido impressa em Coimbra nos prelos de Germão Galharde em 1531, escreveu outra obra, que infelizmente nunca foi impressa e da qual não ha hoje noticia. Segundo nos conta Manoel Severim de Faria, na sua *Vida de João de Barros*, encontrava-se o auctor da Asia, em Pombal na sua

The words "our Portuguese nation, where I see this mistaken or hypocritical friendship among many," are notable. Do they express simply a general idea, or have they a special reference to past times in the East? Perhaps they refer to Magalhães and Faleiro, to past jealousies, rivalries and ambitions. It is possible: in any case such words written in 1531 have a special value. Further on in the dedication Resende repeats that he made this translation to "prevent me from being lazy," referring most probably to his long leisure hours in Ternate where, as we said above, he must have written most of his translation. Again in the same dedicatory letter he says:

"I just wanted *De Amicicia, Paradoxas*, and the *Dream of Scipion* to come to light through me, for I knew that, until now, they had never been translated into any language, which was not the case with *De Officiis* and *De Senectute*, because, when I was preparing to send them to be published with these, I came upon a printed Spanish translation of them; and although my translation might have been profitable to our own people, yet I feared that it might have been considered superfluous, or (which would have been worse) to have been taken from the other."

So Resende himself tells us that this is the first translation ever made of *De Amicicia*, which fact adds to the already considerable value of this bibliographical rarity.

Some early poems by Duarte de Resende are to be found in Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral*, but most of them are written in Spanish. After the publication of his *De Amicicia* he wrote another work, which, unfortunately, was never published, and the manuscript of which is lost. Manuel Severim de Faria in his *Vida de João de Barros* tells us how the author of the *Decadas*,

quinta da Ribeira de Alitem para onde viera em 1530, fugindo a peste de Lisboa:

"Alli lhe mandou pedir Duarte de Resende, parente seu, alguma obra sua, pelo bem que lhe parecera o seu Clarimundo quando o víra em Ternate, donde havia pouco que tinha vindo de feitor. João de Barros por o comprazer acabou de compôr hum Dialogo moral, que antes tinha começado, ao qual destes dous nomes Gregos *Rhopica*, e *Pneumaticos*, fez per opposição hum composto de *Rhopica Pneuma*, a que em nossa lingua podemos chamar Mercadoria espiritual.... Esta obra imprimio depois em Lisboa em Maio de 1532 dedicada ao mesmo Duarte de Resende, o qual por pagar o seu parente João de Barros este obsequio, lhe dirigio tambem depois hum tratado que compoz da navegação que Fernão de Magalhães, e seus companheiros fizeram as Ilhas de Maluco, como quem tivera na mão todos os papeis, e roteiros daquelle jornada, por então estar servindo de feitor da nossa fortaleza de Ternate."

Vimos atraz o papel desempenhado por Duarte de Resende, quando chegou ás Molucas a nau de Espinosa, factos narrados por Barros na *Decada III*, Liv. v, cap. x e a que Damião de Goës se refere tambem na *Chronica del Rei D. Manuel* (ed. 1566), parte iv, cap. xxxvii.—Na mesma *Decada* Liv. v, cap. x (1563) escreve ainda Barros, á cerca de papeis encontrados na nau de Espinosa:

"...& assi ouue outros papees & liuros que Duarte de Refende feitor de Maluco recolheo do Astrológo Andres de Sam Martim. Porque como era latino & hómem estudosio das cousas do mar & Geographia, entendeo logo nellas: & vindo a este Regno ouuemos delle algūus: principalmente hum liuro que elle Andres de Sam Martim escreueo de sua mão, em o qual eltaa o descurso do caminho que fez & de todas suas alturas, obseruações, & conjunções que tomou."

Andres de Sam Mártim era, como diz Barros "homē doucto na sciencia de astronomia"; acompanhou Fernão de Magalhães na sua famosa viagem e com elle foi morto na "ilha

fleeing from the plague at Lisbon in 1530, went and settled at this estate near Pombal:

"And his kinsman, Duarte de Resende, sent thither to ask for some book of his, as he had so much enjoyed the *Clarimundo* when he read it in Ternate, whence he had but lately returned, having been Factor there. João de Barros to please him finished writing a moral dialogue, which he had already begun, and for which, from the two Greek words *Rhopica* and *Pneumaticos*, he evolved the composite title of *Rhopica Pneuma*, which we should call in our tongue, 'Spiritual Merchandise.' ... This work was afterwards printed at Lisbon, in May, 1532, and dedicated to the same Duarte de Resende, who, to repay his kinsman's kindness, later dedicated to him a treatise on the voyage of Fernão de Magalhães and his companions to the Moluccas, which he wrote as one having to hand all the papers and log-books relating to the journey, because at that time he was acting as Factor of our fortress in Ternate."

We have already quoted Barros' account of the part played by Duarte de Resende when Espinosa's ship reached Ternate; Damião de Góes also refers to the event in the *Chronica d'elRei D. Manuel*, 1566, part iv, chap. xxxvii. In the same third *Decada*, Book v, chap. x, Barros writes about the papers found in the "Trindade":

"...and there were also other papers and books which Duarte de Resende, Factor of the Moluccas, received from the Astrologer Andres de Sam Martim; because being a Latin, and learned in matters relating to the sea, and in Geography, he understood them: and especially a book, which Andres de Sam Martim had written in his own hand, and in which the course he shaped on the voyage is described, together with all the altitudes, observations and counter-observations he took."

Andres de Sam Martim was, as Barros says, "a man learned in the science of astronomy," and accompanied Fernão de Magalhães on his famous voyage, and died with him in the "island called

chamada Subo.” Foi pois seguramente baseado nos papeis de Sam Martim, que Duarte de Resende escreveu o seu tratado, ao qual Barros se refere dizendo:

“...Fica aqui dizer hūá cousa por hōrra de Duarte de Refende...: elle me deregio hum tractado sobre esta nauegaçam de Castella....”

E' profundamente lamentavel que pertença ao numero dos desapparecidos o “*tratado da navegação de Fernão de Magalhães*” composto por Duarte de Resende: seria sem duvida mais um valiosissimo documento a juntar á collecção das provas dos descobrimentos portuguezes e da sua sciencia, que como vimos em outros estudos d'esta obra, sempre caminharam juntos.

Julgamos que estas notas mostram a valór historico, bibliographico e litterario do livro de Duarte de Resende que apresentamos, assim como o interesse que desperta o seu auctor.

Subo (Cebu).” And Duarte de Resende's treatise was based on the sure testimony found in Sam Martim's papers. This treatise is mentioned by Barros, who says:

“There now remains a word to be said for the honour of Duarte de Resende, which I want to defend, both because he was my kinsman, and because he was a good scholar: he dedicated a treatise on the Castilian navigations to me...”

and goes on to explain that certain false statements, which had been made concerning these same navigations, did not originate in his friend's work, where everything was correctly and carefully written. It is a grievous pity that the *Tratado da Navegação de Fernão de Magalhães*, by Duarte de Resende, must be counted among the vanished works, for it would surely have been a most valuable document to add to the evidence about the Portuguese discoveries, and the scientific knowledge which ever went step by step with them.

We consider that these notes show plainly the historical, bibliographical and literary value of this translation of *De Amicicia* as well as the interest aroused by its author.

Acabouse de empremir a presente obra de Amicicia e sonho de Scipião e Paradoras em a inuy nobre e semp leal cidade de Loimbra p Hermā Galharde. Tirada em lingoa jē p Duarte de resende caualeyro fidalgo da casa d'lrey nosso sōr aos. xx. dias d'Agosto do anno de nosso sōr Jesu xp̄o de. m. d'xxxj.





## Aqui se começa o regi-

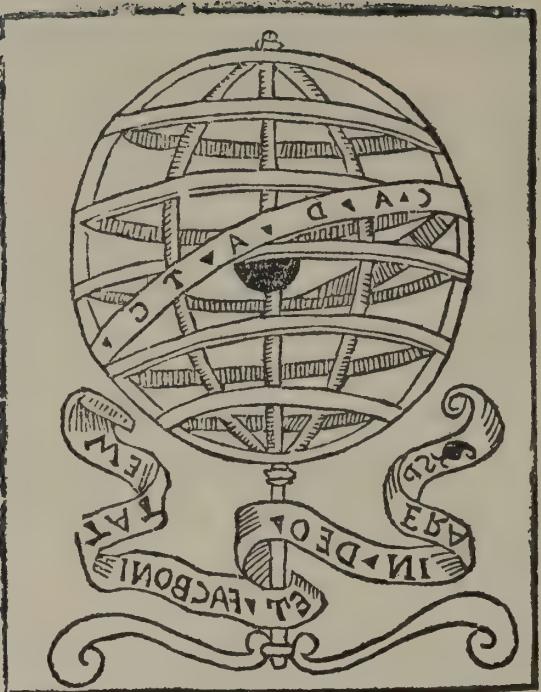
mento e maneira de q̄ os contadores das  
obras terças e resídos ham de pro-  
uer:mas capelas e espiritaes.

## C Título primeiro em que casos sospêderam os aministradores.



Rimeiramente quando os  
côtadores das obras ter-  
ças: e resídos de nossos re-  
gnos: e senhorios correrē  
as comarcas q̄ a cada huū  
per nos sam encarregua-  
das tāto q̄ em cada huū lu-  
gar dellas chegarem se en-  
formarā: e saberam de to-  
das as capellas que no tal  
lugar: e seu termo ouuer:  
que sam e deuem ser aministradas per administradores  
leygos. E aquellas que acharem q̄ tem aministradores  
os faram h̄ir per ante sy e lhes mandaram que logo lhes  
mostrem os testamentos/ instituições e ordenanças de  
suas capellas. E bem assi lhes mostrem os tombos: em  
que am de estar assentados e declarados todos os beēs  
e heranças: de cada h̄ua capella. E despois de visto to-  
do per os ditos contadores elles com toda diligencia e  
per qual quer modo e maneira que poderem se informa-  
ram bem no certo: se esses aministradores cumprem as  
cousas quelhes per as ditas instituições he mandado:  
e bem assi se as capelas sam em posse de todas as heran-  
ças: e beēs quelhes direitainete pertençe. E yssó mesmo

b



# LIVRODAS

obras de Garcia de Reesende, que tracta da vida & grandissimas virtudes & bôdades: magnanimo efforço, excelentes costumes & manhas & muy craros feitos do christianissimo: muito alto & muito poderoso principe el rey dom Ioam ho segundo deste nome: & dos Reys de Portugal ho trezeno de gloria memoria: começado de seu nacimêto & toda sua vida ate ha ora de sua morte: cõ outras obras q adiante se seguē. Vay mais acrescendo nouamente a este liuro húa Miscellanea ē trouas do mesmo auctor & húa varieda de de historias, custumes, casos, & couisas que em seu tēpo accôtescerá.

1554

# Começa a primeyra parte da cro

nica do emperador Clarimudo dō de os Reys de Portugal descendem, tirada de lingoagem vngara em a nossa portuguesa. Dirigida ao esclarecido prin cipe dō Ioão filho do muy poderoso rey dom Manuel primeyro deste no me, per Ioão de Barros seu criado.

## ¶ Capitulo primeyro.



O tempo que ho grāde Aldi iano em Ungria rey naua era tam temido t amado ho seu bō regimento t efforço: que nas casas dos reys t principes que delle tinham conhecimento nunca se praticaua em al senam com quanto amor aos amigos t rigor aos inimigos trataua, nā per doando ao mal t faudreendo sempre o bem. E por esta virtude que cō outras muitas tinha empremio tanto amor nos corações de seus naturaes t assi estrangeiros, que mais a vida delle que as suas proprias estimauam. E como a Claudiorey de França todas estas cou sas fossem manifestas: considerando ho proueito que do tal casamento podia alcançar mādoulhe seus embairadores, dizendo que a clara fama de suas virtuosas t efforçadas obreras tam gerala todos que nam a elle q tinha muy ta rezā pera ho desejara mas a todos los reys comouia a querer sua amizade t liança. Assique por esta causa comopor descender do real tronco dos reys Dū gria elle desejava de ho ajuntar per matrimonio com Briayna sua legitima filha selhe a elle aprouuese. E q oulhasse quanto proueito daquisucedia: porque

sendo ambos liados per tam sancto a juntamento e ile tinha por fee que deos sei la sempre em sua ajuda, assi no acrecentamento de sua honra t reynos como na destruiçam de seus inimigos. E inais questa liança seria causa dese de struirem os oideos que os reys de Fiāça com elles tiueram, t por se de todo gastarem algūas reliquias se ainda no pouo que davaiam, lhe pedia que folgasse de ho aceitar por pay t verdadeyro amigo, t que as outras cou as que ganhaua consirasse bē nellas t veria quāto alcançaua em ho fazer. Quisindo Aldriano esta einbaixada como ja antes disso estaua aprecebido sabendo ao que os embairadores vinham, respondeo com hūa grauidade dina de tal pessoa, que nunca cousa tanto desejara como ser ajuntado per tam santo a juntamento com os Franceses, t que nā podera isto tam fauo: auelijente desejara como lhe a elle sucedia pois alcançaua por verdadeyro pay a hūa tal pessoa como era el rey. E alein deste contentamento se acrecentaua outro q era auer por mo lher a princesa Briayna tanto em virtude de quanto em ferinosura perfeita (segūdo a fama craramente manifestaua.) E por amenos destas couisas ordenara fazer ainda que cada hūa ē si era muito quanto maystantas t que ho tāto contentauam. Dada esta revosta ao

B



**C**Alcabase ho primeyro liuro intitulado de vida de r̄po em língoagem portugues. iñom a quelle que se chama da mininice do saluador ho qual he apocriffo. xv. dí. Mas este que compo ho venerable mestre ludolfo prior do moesteyro muy honrado de argentina. da ordem muy excellente da cartuxa. t foy tyrado segudo aordem da hystoria euangelical. O qual mā dou tresladar de latym em língoagem portugues amuyto alta príncessa infante dona ysabel duquesa de coymbre. t senhora de monte moor. No muy pobra de virtudes dom abade do moesteyro de sam paullo. E foy corregido t reuisto com muyta diligēcia por os reuerendos padres da ordem de sam francisco de emrobegas de obseruāçia chamados menores. E foy emp̄ssio em amuy nobre t sempre leal c̄idade de Lirboa. a principal dos regnos de portugal. Ser hos hōrrados mestres t parceyros Nicolao de saronia. t Valētyno de moravia. por mandado do muy yllustrissimo senhor el Rey dom Joham ho segudo. E da muy esclarecida Raynha dona Lyano sua molher. A louvor t gloria de nosso senhor jhesu r̄po nosso ds t redemptor t da sua intemerada t sempre virgem madre gloriosa sancta maria. em cujo nome t louvor ho dicto liuro foy t he cōposto. cujo louvor t gloria regne em seus fieis r̄paños pera sempre amen. Em no anno do nascimento do dicto saluador de N̄sill t quattrocentos t nouenta t cinco. A. xiiij. do mes de agosto.

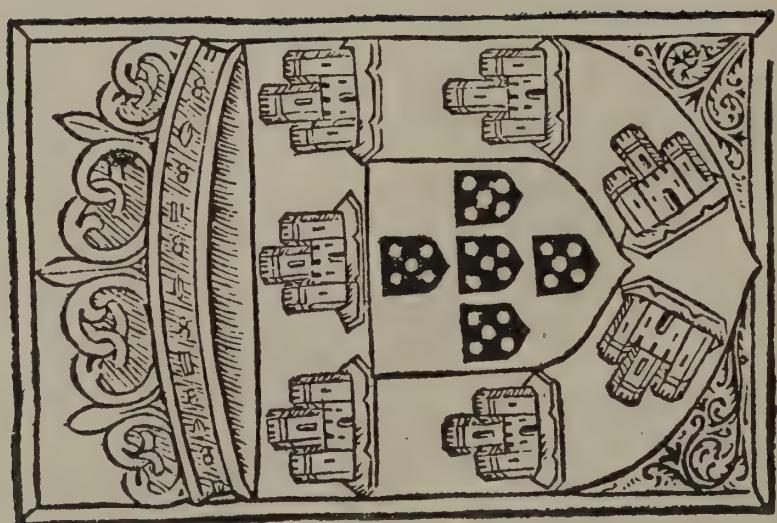
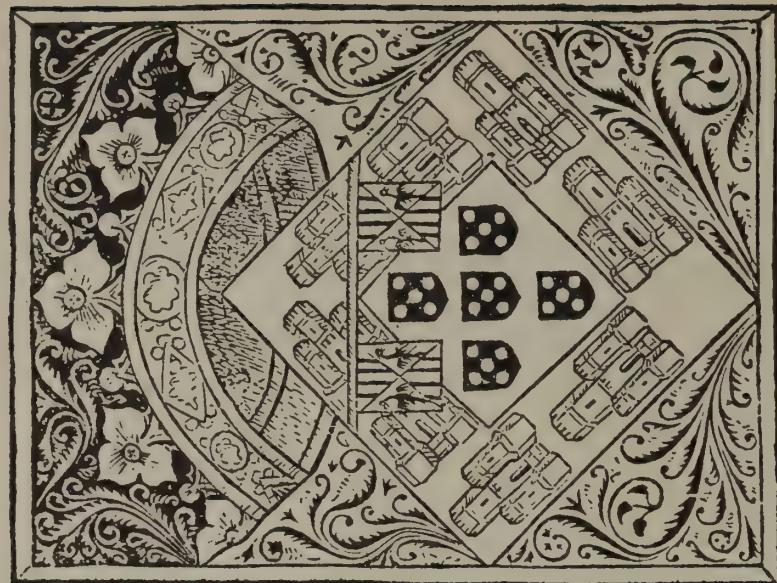
*Me proicias me in tem*

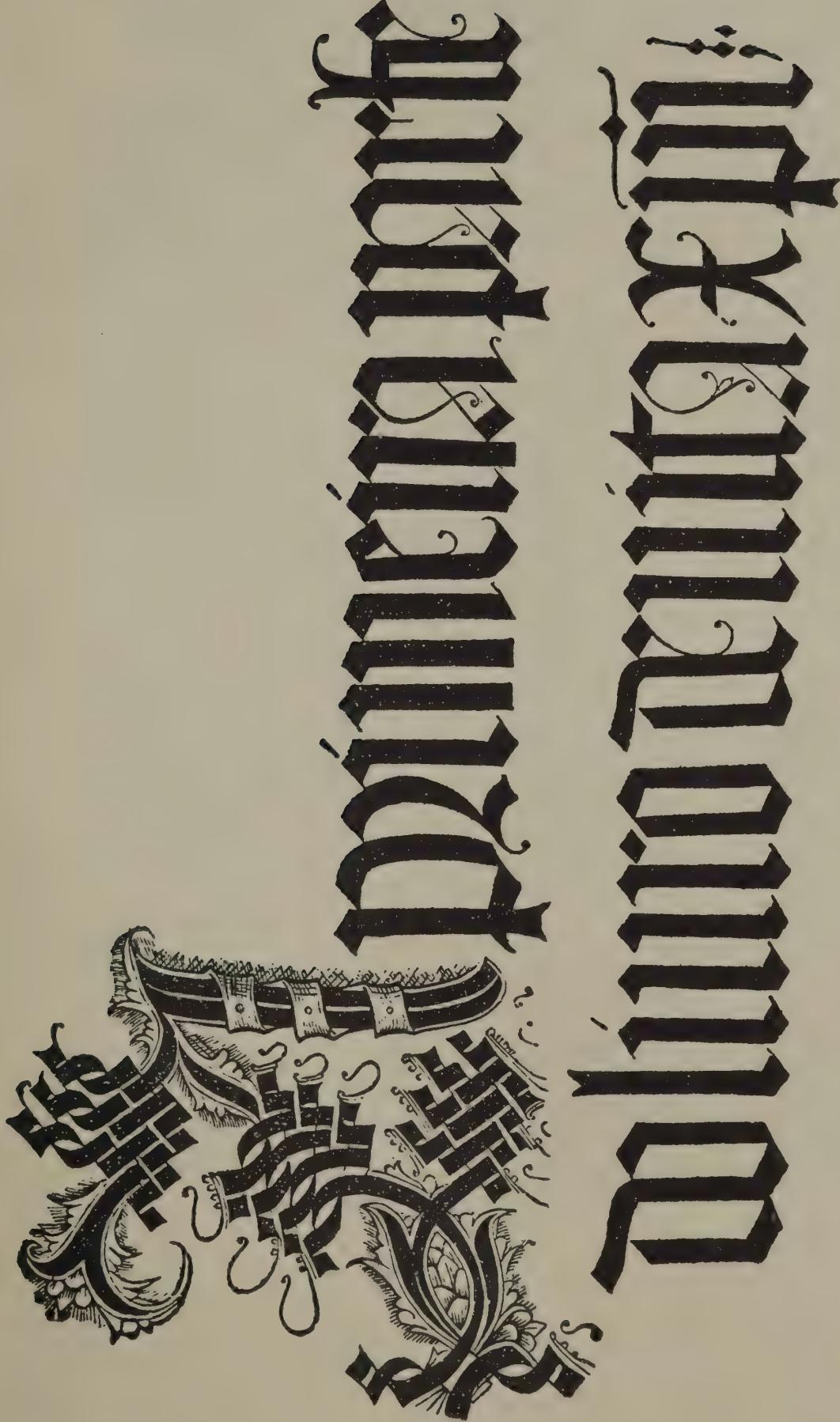


*pore senectutis cum defecerit virtus*

*meca ne derelinquas me.*











**I**uro primeiro das ordenações cō sua tauoada q̄ asigna  
os titulos: t̄ folhas: t̄ tractaſe nelle dos offícios de nossa  
corte: t̄ da casa dasoplicaçā: t̄ do ciuel: t̄ daquelles q̄ per  
nos teē carrego de ministrar dereito: t̄ justiça. Nouamēte corregi  
do na segūda ēpressam. Per especial mādado do muy alto: t̄ muy  
poderoso senhor Rey dō Mānuel nosso senhor: soy empremido.

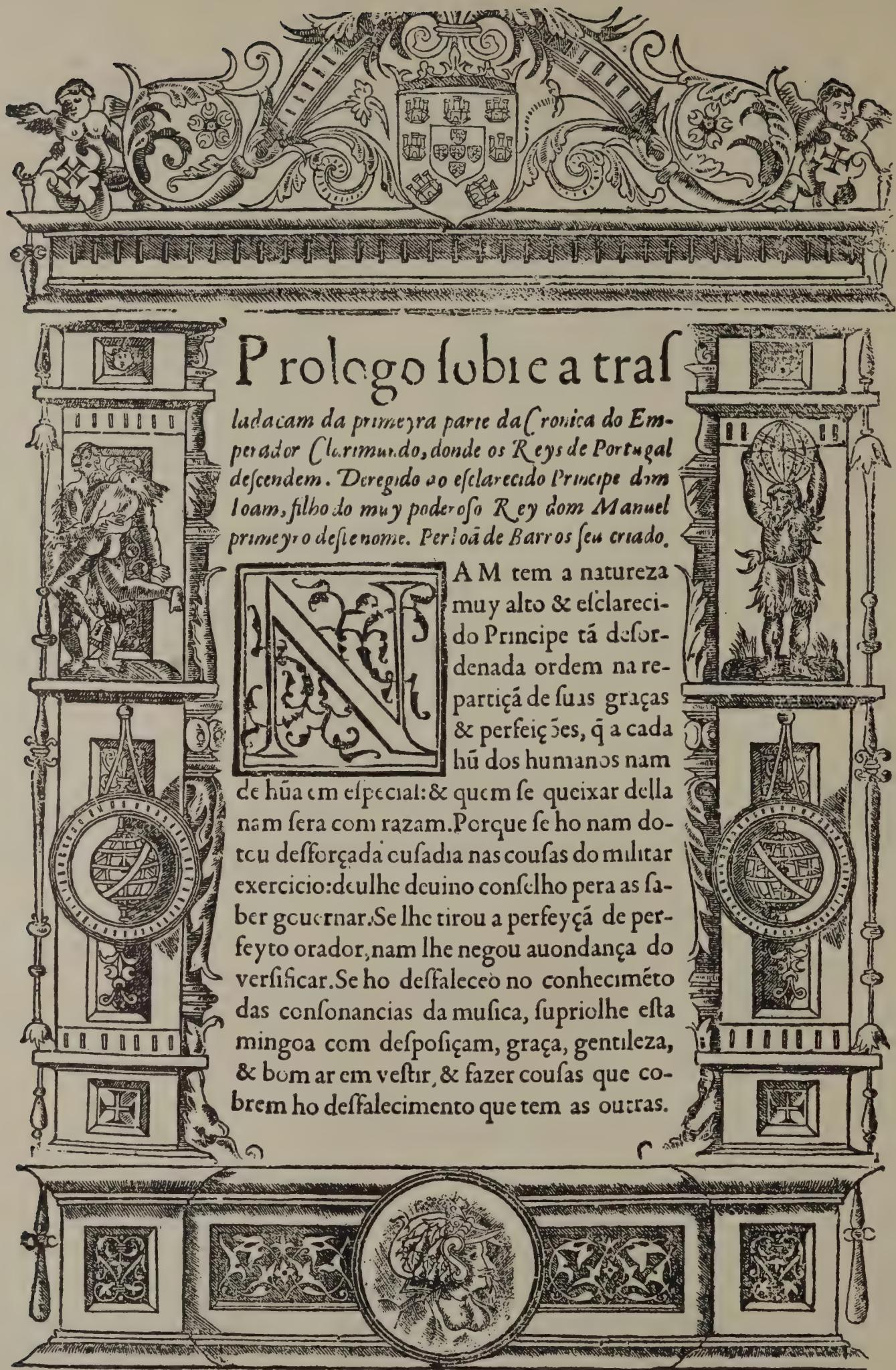
**C**om privilegio de sua Alteza.

# Prologo subie a tras

ladacam da primejra parte da Crónica do Emperador Clorimundo, donde os Reys de Portugal descendem. Deregidio ao esclarecido Príncipe dom Ioam, filho do muy poderoso Rey dom Manuel primeyro o deslenome. Per loā de Barros seu criado.



A M tem a natureza muy alto & esclarecido Príncipe tā desordenada ordem na repartiçā de suas graças & perfeições, q̄ a cada hū dos humanos nam de hūa em especial: & quem se queixar della nam sera com razam. Porque se ho nam dotou dessorçada cusadia nas cousas do militar exercicio: deulhe devino conselho pera as saber gueurnar. Se lhe tirou a perfeyçā de perfeyto orador, nam lhe negou auondança do versificar. Se ho dessaleceò no conhecimēto das consonancias da musica, supriolhe esta mingoa com desposiçam, graça, gentileza, & bom ar em vestir, & fazer cousas que cobrem ho dessalecimento que tem as outras.





PRINTED BY



WALTER

LEWIS, M.A.

AT THE  
UNIVERSITY PRESS  
CAMBRIDGE

1928







CATALOGO DA COLLECÇÃO  
DE LIVROS ANTIGOS  
PORTUGUEZES  
1489-1600

QUE SE ENCONTRAM NA BIBLIOTHECA  
DE SUA MAJESTADE FIDELISSIMA

COM UMA DESCRIPÇÃO COMPLETA DE CADA  
OBRA E NOTAS HISTORICAS, LITTERARIAS,  
BIBLIOGRAPHICAS & BIOGRAPHICAS

POR

S.M. EL REI D. MANUEL

LONDON · MAGGS BROS

1928